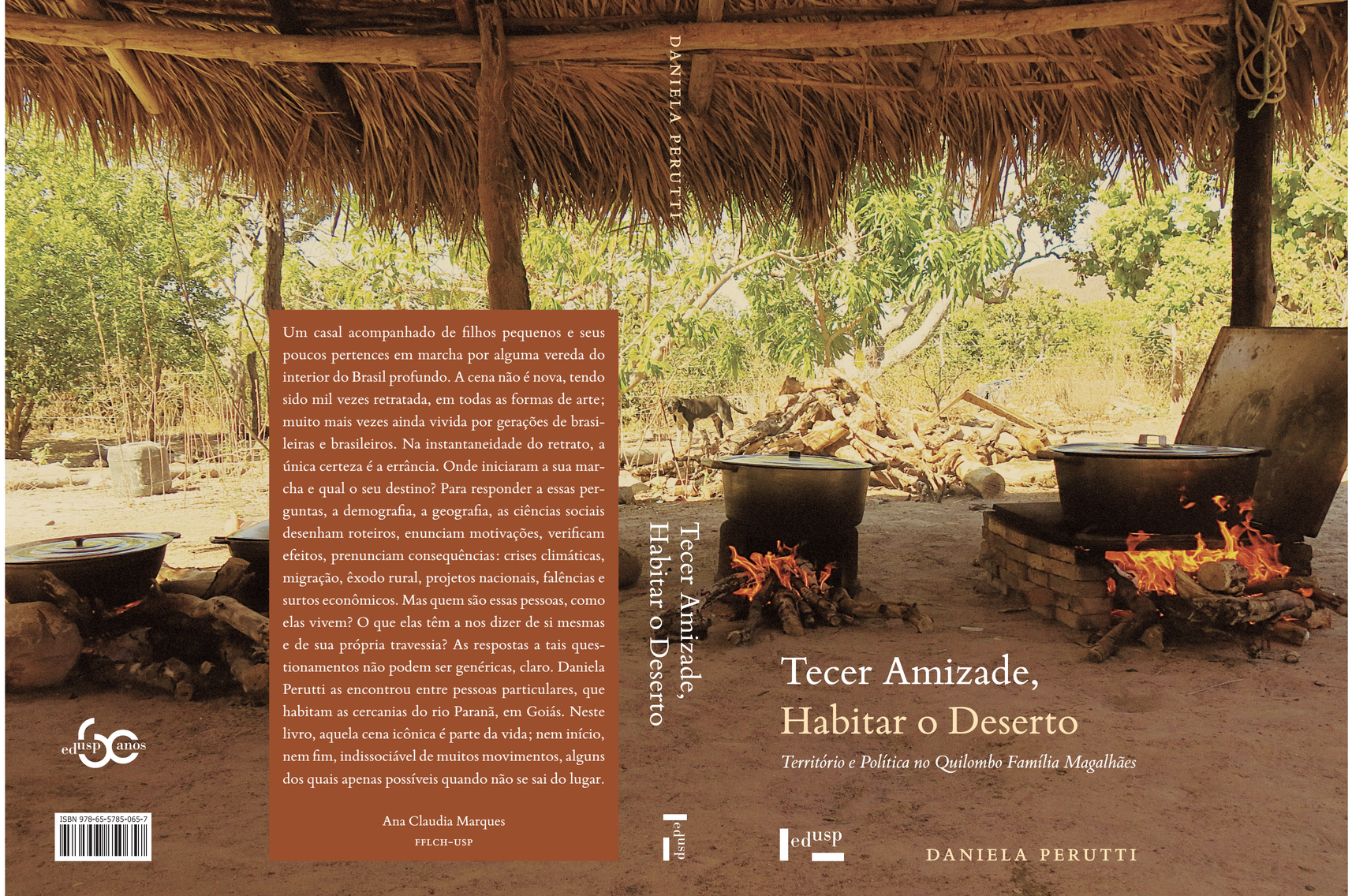
à medida que circulamos com a antropóloga e seus amigos, topamos com "outros", mais próximos (vizinhos e parentes) ou mais distantes (vereadores, deputados, prefeitos e presidentes da República), seguindo as rotas produzidas pela luta dos Magalhães e de seus descendentes pelo reconhecimento da terra e da comunidade quilombola.

Os temas e problemas que as caminhadas descortinam vão e voltam, complexificando-se no compasso das deambulações e conversas: fazer família e parentesco; fazer territórios e política; fabricar casas e memórias. Todas práticas criadoras originais, com as quais muito aprendemos. As páginas finais sobre as casas entregues pelo governo ao povo do Lavado são elucidativas de suas estratégias criativas: os habitantes refazem os espaços diminutos da moradia-padrão, sem fogão a lenha, sem espaço para receber visitas e guardar objetos, não permitindo "agasalhar os filhos". A construção de cozinhas anexas, barracões e áreas cobertas, explica a autora, "é também uma forma de impedir que casas virem desertos, o que transforma o terreno de cada pessoa em espaço de construções heterogêneas compostas de materiais diversos, mas que possibilita aos Magalhães se fazerem 'amigueiros'".

Comprometida com a descrição sofisticada de uma experiência específica, Daniela Perutti revela um mundo, fazendo-nos lembrar o que disse certa vez Aby Warburg, mais ou menos assim: "ver o céu num grão de areia não é privilégio dos poetas".

Fernanda Arêas Peixoto
FFLCH-USP



DANIELA PERUTTI

Tecer Amizade,
Habitar o Deserto

edusp 60 anos

ISBN 978-65-5785-065-7

Um casal acompanhado de filhos pequenos e seus poucos pertences em marcha por alguma vereda do interior do Brasil profundo. A cena não é nova, tendo sido mil vezes retratada, em todas as formas de arte; muito mais vezes ainda vivida por gerações de brasileiras e brasileiros. Na instantaneidade do retrato, a única certeza é a errância. Onde iniciaram a sua marcha e qual o seu destino? Para responder a essas perguntas, a demografia, a geografia, as ciências sociais desenham roteiros, enunciam motivações, verificam efeitos, prenunciam consequências: crises climáticas, migração, êxodo rural, projetos nacionais, falências e surtos econômicos. Mas quem são essas pessoas, como elas vivem? O que elas têm a nos dizer de si mesmas e de sua própria travessia? As respostas a tais questionamentos não podem ser genéricas, claro. Daniela Perutti as encontrou entre pessoas particulares, que habitam as cercanias do rio Paranã, em Goiás. Neste livro, aquela cena icônica é parte da vida; nem início, nem fim, indissociável de muitos movimentos, alguns dos quais apenas possíveis quando não se sai do lugar.

Ana Claudia Marques
FFLCH-USP

Tecer Amizade,
Habitar o Deserto

edusp

Tecer Amizade, Habitar o Deserto

Território e Política no Quilombo Família Magalhães

edusp

DANIELA PERUTTI

Tecer Amizade, Habitar o Deserto: esse foi o título escolhido pela antropóloga Daniela Perutti para apresentar a alentada pesquisa que realizou com a comunidade rural negra Família Magalhães, de Goiás, originária do Kalunga, maior quilombo contemporâneo do Brasil. A bela e sintética formulação conduz o leitor a dimensões centrais do estudo. Antes de mais nada, a ênfase nas relações de amizade, "valor moral" que marca proximidades e distâncias, produz encontros, movimenta a vida familiar e fomenta a política. Além disso, os termos escolhidos evidenciam a atenção conferida à experiência, aos modos de produção da vida e do território por homens e mulheres de uma região recôndita do país, esquecida pelas políticas até pelo menos a Constituição de 1988.

A narrativa assume a forma de travessia, a qual realizamos ao lado da autora, da Família Magalhães e de outros que surpreendemos ao longo dos percursos; travessia que associa espaços – Kalunga, Fazenda Lavado, Nova Roma e Brasília – e qualifica temporalidades: o "tempo da política", o "tempo do garimpo", o "tempo de festa". Deslocamentos e conexões dão ritmo à interpretação e à narrativa, inseparáveis na (ao mesmo tempo) vigorosa e delicada escrita etnográfica de Daniela. A forma e o feitio da análise desenrolam-se como fluxos, mimetizando os movimentos e as transmissões do sangue no parentesco; o curso do rio e os percursos movimentados das paisagens; as dinâmicas permanentes de construção de territórios e alianças; também as oscilações dos sentidos das categorias ("roça", "cidade", "deserto", "rua"). E,